

## EDUCAÇÃO PARA A PAZ: VIOLÊNCIA E NÃO VIOLÊNCIA

Os textos que apresentamos nesta edição evidenciam o quanto é importante e urgente desnaturalizarmos a questão da paz e da violência. Como construções culturais, esses dois fenômenos sociais, além de se constituírem em importantes campos de pesquisa, traduzem a complexidade das relações humanas.

Associada geralmente à ausência de conflitos interpessoais ou, ainda, à ausência de guerra, a paz é motivo dos mais diferentes discursos, alguns, inclusive, apresentando contradições. Jares (2002)<sup>1</sup> traz importante contribuição para a análise do tema, ao dizer que a paz não é o oposto da guerra, mas a oposição à violência. Assim, a paz concebida de forma crítica, é propositiva, uma vez que não se reduz à ausência de guerra, mas busca promover a superação das causas da violência. E, nesse sentido, os direitos humanos, a democracia e o desenvolvimento são essenciais para promover a paz.

A educação para a paz, como condição para promover a cultura de paz, é um desafio de todos os educadores, já que a escola pode ser um espaço para que as pessoas aprendam a viver a resolução de conflitos de forma não violenta. Os conflitos são inevitáveis, próprios dos humanos e aprender a resolvê-los de forma pacífica é exigência que demanda esforço coletivo, tanto dos educadores, quanto de alunos, pais, mães e governantes.

Baseada em valores como a justiça, a solidariedade, a cooperação e o respeito mútuo, a paz está como uma possibilidade a ser construída por todos aqueles que sonham com uma sociedade democrática.

É por isso que esta edição traz questões que falam a todos nós. São textos instigantes que muito contribuirão para o debate sobre a paz e a violência na escola. Os autores e autoras dos artigos nos provocam e convidam para pensarmos em novas possibilidades que poderão contribuir para a construção da cultura de paz.

No artigo *Violência Escolar: concepções e ações do coordenador pedagógico*, Laêda Bezerra Machado e Daniele Farias de Carvalho discutem as concepções de violência escolar dos coordenadores pedagógicos de escolas municipais de Recife - Pernambuco e como esses profissionais trabalham para que a escola e as famílias enfrentem os atos de violência.

Dois trabalhos têm como foco a questão do ensino religioso. O primeiro é de Rodrigo Augusto Souza: *Novas perspectivas para o ensino religioso: a educação para a convivência e a paz*. O autor faz reflexões sobre a cultura de paz na escola e sobre como a disciplina de

---

<sup>1</sup> JARES, Xesús R. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Ensino Religioso pode promover o respeito ao pluralismo de pensamento, o que é essencial para a construção de uma cultura de paz. O segundo trabalho, com o título *Ensino religioso no Brasil: comparando as experiências de Sergipe e Pernambuco numa perspectiva de construção da tolerância*, de autoria de Aurenéa Maria de Oliveira, Péricles Moraes de Andrade Jr., Daniela dos Santos Rezende e José Eraldo Neves Ribeiro, traz a análise sobre o proselitismo religioso em escolas públicas desses dois estados brasileiros. Para essa análise, os autores estudaram a legislação que trata do assunto, os conteúdos trabalhados, a habilitação dos professores e o envolvimento de entidades religiosas.

Tarcia Regina da Silva e Adelaide Alves Dias escreveram o artigo *O racismo sob a forma de violência silenciosa e as contribuições da pedagogia institucional no seu enfrentamento*. As autoras analisam a violência no espaço escolar desde a perspectiva simbólica e a dificuldade de percebê-la, dada a sutileza com que se manifesta. Propõem que os conflitos gerados pela discriminação racial, na escola, sejam trabalhados através da Pedagogia Institucional, que com os seus fundamentos teóricos promove a mediação na resolução desses conflitos.

O texto *Um estudo sobre as relações entre os conflitos interpessoais e o bullying entre escolares* de Loriane Trombini Frick, Maria Suzana de Stefano Menin e Luciene Regina Paulino Tognetta, está relacionado à pesquisa realizada com o objetivo de analisar as relações entre os estilos de resolução de conflitos adotados pelos professores, os modos de agir dos alunos frente aos conflitos entre pares e a possível incidência de *bullying*. A pesquisa foi desenvolvida com duas turmas de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, de escolas públicas de um município do interior de São Paulo.

Ricardo Fernandes Pátaro é o autor do artigo *Estratégia de projetos e complexidade na escola: possibilidades para uma educação em valores*. Nesse trabalho é discutido como o estudo de problemas sociais, realizado através da estratégia de projetos com base na complexidade, interdisciplinaridade e na transversalidade, contribuiu para a formação ética de crianças de um 5º ano do ensino fundamental. O trabalho também apontou que a metodologia desenvolvida permite que as crianças vivenciem valores como o respeito à diversidade de ideias e a capacidade de indignação frente às injustiças sociais.

Com o artigo *Promoção de cultura de paz e resiliência: um estudo de caso do projeto de extensão Rede Coque Vive da Universidade Federal de Pernambuco*, Aurino Lima Ferreira, Maria de Fátima Galdino da Silveira e Ana Carolina Liberal Peixoto trazem a investigação do uso do conceito de cultura de paz e resiliência em seis projetos extensionistas desenvolvidos na comunidade de Coque, em Recife, através da UFPE. Também procederam o

mapeamento de ações que promovem a cultura de paz e resiliência nesses projetos. A investigação teve como metodologia a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso.

O texto *Sobre três processos educativos em educação matemática para empreendimentos em economia solidária*, escrito por Renata Cristina Geromel Meneghetti, Geisa Zilli Shinkawa, Michelle Francisco de Azevedo e Ricardo Kucinskas, é o resultado de uma pesquisa sobre a intervenção pedagógica, com base na etnomatemática, realizada junto a uma cooperativa de limpeza, uma marcenaria coletiva feminina e um grupo de fabricação de sabão caseiro, todos considerados Empreendimentos em Economia Solidária – EES. As intervenções pedagógicas, inseridas na educação não formal, envolveram situações-problema relacionadas ao cotidiano de trabalho e contribuíram para a aprendizagem de conceitos, para a formação de uma cultura crítica e emancipatória e para a reinserção socioeconômica.

Com o título *Bullying entre escolares: um estudo descritivo na cidade de Cruz Alta/RS*, as autoras Karine Bueno do Nascimento, Marília de Rosso Krug, Fátima Terezinha Lopes da Costa e Bianca Bueno do Nascimento buscam contextualizar o cotidiano de alunos de 5ª a 8ª séries de três escolas públicas de Cruz Alta – RS, vítimas de *bullying*. No estudo em que foi utilizado o questionário da instituição inglesa *Kidscape*, foram entrevistados 459 alunos e constatou-se a presença do *bullying* nas escolas. Esse tipo de violência traz como consequência o sofrimento da vítima e a desmotivação para frequentar a escola. Para as autoras do trabalho, é necessário que tanto o Estado, através de políticas públicas, quanto a comunidade, voltem-se para o assunto e busquem alternativas de prevenção e enfrentamento.

Diego Ebling do Nascimento e Mariângela da Rosa Afonso escreveram o artigo *A participação masculina na dança clássica: do preconceito aos palcos da vida* a partir de um estudo de caso que buscou analisar as relações de gênero e o possível preconceito com os meninos que dançam o *ballet* clássico. Os pesquisadores, nas entrevistas que realizaram com os responsáveis pelos meninos, chegaram à conclusão de que esses responsáveis não apresentam preconceito e dão apoio para que continuem dançando. No entanto, os autores apontam que o senso comum, ainda, costuma associar o fato dos meninos dançarem *ballet* clássico com a homossexualidade, o que tem impedido que muitos deles venham a fazer o que gostam: dançar.

O artigo de Giana Diesel Sebastiany e Cidônea Machado Deponti, com o título *Desenvolvimento e dignidade humana: complementaridade de duas dimensões da linguagem* trabalha com as concepções de desenvolvimento de dois renomados economistas contemporâneos: Amartya Sen e Sebastião Salgado. Para as autoras, o trabalho desses economistas, mesmo que utilizando linguagens diferentes, se complementa, uma vez que

ambos trabalham com as questões da saúde, da educação e da seguridade social elevando-as à condição de fundamentais para que a humanidade tenha uma existência digna.

Para completar a edição, temos três instigantes artigos especiais. O primeiro foi escrito por Sebastiana Lindaura de Arruda Reis e Luzia Marta Bellini e tem como título: *Representações sociais como teoria e instrumento metodológico para a pesquisa em educação ambiental*. Para as autoras, trabalhar com a teoria das Representações Sociais de Moscovici, que defende a ideia de que a natureza e a sociedade não podem ser concebidas como se fossem questões opostas, pode contribuir significativamente para a reflexão sobre o meio ambiente.

O segundo trabalho, com o título *Platão e a formação n' República*, de autoria de Luciene Maria Bastos, investiga se na obra do filósofo a referência à *natureza* humana tem relação com aspectos inatos. O artigo tece reflexões sobre o fato de que Platão poderia conceber o processo como o desenvolvimento de aptidões naturais e a sua relação com a formação humana.

Fabiano de Oliveira Moraes nos apresenta o artigo intitulado: *O trabalho e a educação na literatura infantil do século XIX*. Os contos “As aventuras de Pinóquio” e “Os três porquinhos” foram analisados com categorias a partir de Foucault, Santos, Ariés e Zilberman. O autor procura demonstrar de que forma as concepções de trabalho e educação, impostas pela cultura dominante, são representadas em contos infantis que destacam a vitória do saber hegemônico e a subalternização da infância e de outros saberes considerados não dominantes.